

PATRIMÔNIO CULTURAL E LITERATURA INFANTIL: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA¹

Carmem G. Burgert Schiavon²

RESUMO

A presente comunicação oral consiste na proposição de algumas reflexões acerca do ensino de História a partir do Projeto “As aventuras de Belinha: navegando em histórias, ancorando em patrimônios”, tendo em vista que através da mediação literária, busca-se não apenas promover o acesso a uma experiência sensível e reflexiva por meio da narrativa, mas, sobretudo, estimular a construção de uma consciência histórica, ambiental e identitária, desde os primeiros anos da educação básica, compreendendo que o envolvimento das crianças com o seu entorno sociocultural representa um investimento pedagógico estratégico para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e comprometidos com o bem comum. A metodologia adotada encontra-se fundamentada em três dimensões interligadas, isto é, a narrativa, o território e a vivência, conduzindo a leitura da obra de forma dialética, incentivando a escuta atenta, a troca de impressões e a produção coletiva de sentidos. Ademais, o Projeto conta com vários eixos de ação direcionados não somente para a contação de história do livro infantil “As aventuras de Belinha” como, também, voltados à formação docente (professores da rede pública de ensino local) e discente (alunos de diversos cursos da Universidade), por meio da realização de Oficinas Temáticas ligadas ao campo do patrimônio cultural, em uma perspectiva decolonial (Mignolo; Chuva; Tolentino), de modo a constituir agentes multiplicadores nesta área. Como resultado parcial, as atividades de contação têm assumido um caráter multissensorial, em que o ouvir, o tocar e o imaginar se entrelaçaram, potencializando a experiência. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que as diferentes ações do Projeto respeitam a ludicidade própria da infância, a proposta reafirma o compromisso da educação com a formação crítica e emancipatória, oferecendo às crianças as ferramentas necessárias para reconhecerem-se como sujeitos históricos e ambientais, capazes de transformar o mundo em que habitam.

Palavras-chave: Patrimônio, Literatura Infantil, Ensino, História.

INTRODUÇÃO

A utilização de metodologias que estabeleçam conexões significativas com o universo infantil, por meio de linguagens acessíveis e culturalmente sensíveis, constitui uma estratégia promissora para a construção de uma educação transformadora. Dentro deste contexto, trata-se de um investimento não apenas no presente mas, também, na formação crítica de gerações

¹ O presente texto apresenta resultados (parciais) do Projeto de Extensão “As aventuras de Belinha: navegando em histórias, ancorando em patrimônios”, financiado pelo Edital Pró-Extensão da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

² Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Professora Titular do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande (ICHI-FURG) e Coordenadora do Subprojeto de História do PIBID da FURG. cgbschiavon@yahoo.com.br





futuras. Nesse contexto, a contação de histórias destaca-se como uma prática pedagógica de grande potencial formativo, capaz de articular imaginação, afetividade e conhecimento de forma integrada. Um exemplo desta abordagem é o livro infantil *As Aventuras de Belinha*. A narrativa, protagonizada pela capivara Belinha, propõe uma imersão lúdico-educativa nos principais patrimônios do município da cidade do Rio Grande, localizada no Estado do Rio Grande do Sul. Ao acompanhar as descobertas da personagem, o público infantil é conduzido a uma imersão em noções fundamentais de memória coletiva, meio ambiente, pertencimento e salvaguarda patrimonial. Nessa esteira, o livro, por meio da ficção, do reconhecimento e da valorização do patrimônio cultural e do meio ambiente, insere-se em uma perspectiva de educação crítica. E, desse modo, a mediação narrativa contribui para a formação de sujeitos mais conscientes de sua história, identidade e responsabilidades diante do legado cultural e ambiental que lhes rodeiam.

Seguindo esta perspectiva, o Projeto “As aventuras de Belinha: navegando em histórias, ancorando em patrimônios” tem por objetivo confeccionar e levar apoio didático-pedagógico às escolas da educação básica, incentivando a realização de projetos e trabalhos voltados à temática da Educação Patrimonial e da Educação Ambiental, de modo a enaltecer a interculturalidade como prerrogativa à diversidade cultural, à cidadania, à identidade cultural e ao pertencimento, visando atingir mudanças sociais na condução e trato do patrimônio cultural e ambiental local. Para tanto, está direcionado ao público infantil, através da realização de contação de história do próprio livro mas, por outro lado, também visa a formação docente, por meio da realização de Oficinas Temáticas.

Além disso, o referido Projeto de Extensão constitui uma oportunidade de contato dos alunos da graduação (FURG) com o cotidiano das Escolas parceiras do Projeto³. Desse modo, a estruturação de um Projeto voltado à área do patrimônio cultural possibilita uma imersão dos/as graduandos/as na cultura local, a partir do trabalho com as comunidades, afinal, a visualização e operacionalização de conceitos, categorias, competências e habilidades, trabalhados em sala de aula ocorre na prática. Em outras palavras, a experimentação estrita da ação cultural, da difusão dos saberes acadêmicos apreendidos, em sua articulação com os saberes das comunidades, permite aos estudantes um profundo exercício de reflexão e estruturação dos seus saberes-fazer. Isso tudo sem se levar em consideração que o cerne dos conteúdos trabalhados nas disciplinas de Educação Patrimonial (código 10280), Introdução à História do Patrimônio (código 10713) e Práticas de Pesquisa e Estágio I e II (códigos 10717

³ Destaca-se que a atividade de contação de história do livro “As aventuras de Belinha” ocorre quando a equipe do Projeto é contratada, ou seja, não há “pré-requisitos” para a sua realização. Com relação às Escolas parceiras, estas integram ações mais amplas como é o caso da formação docente.





e 10719, respectivamente) podem ser observados e operacionalizados *in loco*, por intermédio das principais atividades deste Projeto de Extensão.

METODOLOGIA

A contação do livro *As Aventuras de Belinha* evidencia que a educação, quando pensada de forma criativa, engajada e comprometida com a realidade sociocultural das crianças, pode tornar-se uma ferramenta potente de transformação social. Com base nesse pressuposto, uma das experiências pedagógicas mais significativas desenvolvidas no âmbito do projeto ocorreu no dia 12 de dezembro de 2023, no Museu Oceanográfico Eliézer de C. Rios, localizado no município do Rio Grande/RS. Na oportunidade, contamos com a presença de seis estudantes do primeiro ao quinto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Alba Anselmo Olinto, situada na localidade do Taim.

Dentro deste contexto, cabe evidenciar que a metodologia adotada neste Projeto de Extensão encontra-se fundamentada em três dimensões interligadas: a narrativa, o território e a vivência, conduzindo a leitura da obra de forma dialética, incentivando a escuta atenta, a troca de impressões e a produção coletiva de sentidos. Ao mesmo tempo em que respeita a ludicidade própria da infância, a proposta reafirma o compromisso da educação com a formação crítica e emancipatória, oferecendo às crianças as ferramentas necessárias para reconhecerem-se como sujeitos históricos e ambientais, capazes de transformarem o mundo em que habitam. Nessa perspectiva, a atividade foi desdobrada em duas etapas, sendo que, em um primeiro momento, promovemos a contação da história. No momento da contação, os alunos participaram ativamente da atividade, expondo seus saberes e suas curiosidades e, a todo momento, faziam interrupções para relacionarem o que era narrado na história do livro “As aventuras de Belinha”, com as suas vivências cotidianas, tornando a experiência inteiramente coletiva.

Com objetivo de tornar a atividade ainda mais significativa, durante a contação de história do referido livro, foram utilizadas pelúcias dos animais presentes na história, permitindo que os alunos interagissem – sensorialmente – com a narrativa, estimulando não apenas a imaginação mas, também, o vínculo afetivo com os personagens. Assim, a atividade assumiu um caráter multissensorial, em que o ouvir, o tocar e o imaginar entrelaçaram-se, potencializando a experiência. E, desse modo, o envolvimento dos estudantes ocorreu de forma autêntica, revelando não apenas interesse pela história, mas também um forte sentimento de pertencimento em relação à personagem Belinha, bem como ao cenário da narrativa. Desse modo, a participação ativa do grupo evidenciou o sucesso da proposta e



reforçou o potencial pedagógico da contação de histórias enquanto estratégia formativa, sensível e integradora.



Imagem 1: composição da contação de história. Fonte: registro de Thiago Gonzaga Telles (2025).

Na segunda etapa da atividade realizamos a visita guiada por uma profissional do complexo do museu, complementando a etapa anterior e permitindo que os alunos visualizassem e interagissem com as figuras que acabaram de ver com a Belinha, ou seja, com os elementos ligados ao patrimônio cultural e ambiental apresentados na obra. A experiência desta atividade proporcionou diversas reflexões sobre a prática educativa, especialmente, no que se refere ao uso da contação de histórias como instrumento pedagógico capaz de integrar dimensões cognitivas, afetivas, sensoriais e territoriais do processo de aprendizagem. Ao articular narrativa, ludicidade e vivência local, a ação demonstrou que a literatura infantil, quando mediada com intencionalidade e sensibilidade, pode desempenhar um papel fundamental na valorização dos saberes das crianças e na construção de vínculos com o





patrimônio cultural e ambiental. Dessa forma, iniciativas como estas evidenciam que a educação, quando pensada de forma criativa, engajada e comprometida com a realidade sociocultural das crianças, pode tornar-se uma ferramenta potente de transformação social.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme já mencionado, este Projeto de Extensão tem por base o livro infantil “As aventuras de Belinha”, o qual aborda o (re)encontro da capivara protagonista da história (Belinha) e seus amigos com o patrimônio cultural local, explorando a diversidade patrimonial da cidade do Rio Grande/RS e suas múltiplas formas de vivenciarem e preservarem bens culturais e ambientais locais.

Esta perspectiva de trabalho, estruturada na contação de histórias, foi pensada tendo por base o fato de que “contar história é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser” (Busatto, 2003, p. 10), sendo assim, a contação de histórias pode constituir a ponte entre o conteúdo e o aprendizado propriamente dito, ainda mais quando se leva em conta o fato de que “a tradição oral dos contos, não só não reapareceu, como está ganhando força nos últimos tempos” (Busatto, 2006, p. 21). Com base nestes pressupostos, tem-se na contação de histórias um verdadeiro alicerce para a aprendizagem de uma forma significativa e coletiva.

Além destes pressupostos, o trabalho tem sido orientado à leitura decolonial do patrimônio cultural. Para tanto, de acordo com Márcia Chuva (2020), para trabalhar/ver o patrimônio a partir do olhar decolonial, é necessário “deslocar-se; suportar o desconforto e também provocá-lo; desconstruir temporalidades estanques; identificar anacronismos; tornar passados presentes; criar meios para múltiplas histórias existirem e se confrontarem; encontrar sujeitos onde antes só se enxergavam objetos” (Chuva, 2020, p. 32).

Ainda, na perspectiva de Átila Tolentino (2018, p. 47), “são cada vez mais expressivas e crescentes, na atualidade, a pesquisa e produção de pensadores da corrente decolonial, cujas discussões nos permitem enxergar como se deram os processos e a trajetória de patrimonialização no Brasil”. Esses pressupostos colocam em evidência a urgência na revisão quanto ao trabalho com conceitos pré-definidos pela dita racionalidade moderna, tendo em vista que muitas destas práticas reproduzem formas de discriminação, silenciamentos, bem como de processos de apagamentos e de marginalização. Não por acaso, Mignolo considera que “a opção descolonial significa, entre outras coisas, aprender a desaprender” (Mignolo, 2008, p. 290).





Por sua vez, no campo da Educação Ambiental, a noção de Patrimônio ganha contornos a partir da intersecção Natureza/Cultura. E isso ocorre através de uma interpretação em que os sentidos atribuídos ao patrimônio se conectam a uma condição de agir no mundo que remete diretamente à proposta de Isabel de Moura Carvalho, quando diz que “os horizontes de sentido histórico-culturais configuram relações com o meio ambiente para uma determinada comunidade humana e num tempo específico” (Carvalho, 2002, p. 32).

Por fim, todavia não menos importante, cabe mencionar que a proposta deste Projeto de Extensão está em consonância com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orienta para o desenvolvimento de habilidades capazes de identificar os patrimônios históricos e culturais da cidade e região e discutir as razões sociais, culturais e políticas para que assim sejam considerados. Desta forma, desde o 3º ano do Ensino Fundamental, a temática patrimonial aparece nas unidades da BNCC, com o objetivo de fazer com que os alunos compreendam sobre as “pessoas e os grupos que compõem a cidade e o município”, bem como, saibam diferenciar as noções de “eu”, o “outro” e os diferentes grupos sociais que estão presentes na cidade e/ou município, e percebam os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde eles vivem (Brasil, 2018, p. 410).

Já, no 4º ano do Ensino Fundamental, o patrimônio ambiental recebe lugar de destaque entre as diretrizes da BNCC, com vistas ao desenvolvimento de competências e habilidades nos discentes, de modo a oportunizar a identificação das “relações entre os indivíduos e a natureza e discutir o significado do nomadismo e da fixação das primeiras comunidades humanas”, e “analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira” (p. 413). No 5º ano, as unidades temáticas da BNCC apontam para os “Povos e Culturas: o meu lugar no mundo e meu grupo social”, momento em que o objeto de conhecimento consiste em discutir, entre outras coisas, a “diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas”, assim como “as tradições orais e a valorização da memória O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias”; e “os patrimônios materiais e imateriais da humanidade” (p. 414).

Neste sentido, a realização deste Projeto, por meio das suas formas de mediação oriundas da contação de história do livro infantil “As Aventuras de Belinha”, possibilita a interpretação dos bens culturais e ambientais da cidade do Rio Grande/RS, tornando-se um instrumento importante de promoção e vivência da cidadania, na medida em que objetiva o sentimento de pertencimento e, por consequência, a necessidade de preservação do patrimônio cultural local, afinal, “mais que um testemunho do passado, o patrimônio é um retrato do





presente, um registro das possibilidades políticas dos diversos grupos sociais, expressas na apropriação de parte da herança cultural” (Rodrigues, 1996, p. 195).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade realizada no Museu Oceanográfico revelou-se particularmente pertinente do ponto de vista metodológico e simbólico, isso porque, na narrativa da obra, a personagem principal – a capivara Belinha – sofre um acidente ao cruzar uma estrada do Taim e é acolhida pelo Centro de Recuperação de Animais Marinhos (CRAM), estrutura associada ao museu em questão. Desse modo, a visita possibilitou uma vivência concreta e simbólica para os alunos, fortalecendo o vínculo entre a ficção pedagógica e o território vivido, promovendo uma imersão sensível e significativa no contexto ambiental e cultural da região. A atividade foi executada com o propósito de integrar práticas pedagógicas sensíveis ao universo infantil aos fundamentos da Educação Patrimonial e Ambiental. Através da mediação literária, buscou-se não apenas promover o acesso a uma experiência sensível e reflexiva por meio da narrativa, mas, sobretudo, estimular a construção de uma consciência histórica, ambiental e identitária desde os primeiros anos da educação básica, compreendendo que o envolvimento das crianças com seu entorno sociocultural representa um investimento pedagógico estratégico para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e comprometidos com o bem comum.

Em linhas gerais, os resultados observados têm sido bem significativos, tendo em vista que as crianças envolveram-se de forma espontânea e intensa, revelando interesse genuíno pela história e identificando-se com os personagens, os lugares e os temas abordados. Sua participação ativa durante a contação – através de relatos pessoais, comentários sobre o território e interações com os materiais sensoriais – e evidenciou não apenas o engajamento afetivo, mas também a apropriação crítica da narrativa. Em outras palavras, percebeu-se um fortalecimento da autoestima dos alunos, especialmente pelo reconhecimento de seus saberes e vivências enquanto elementos legítimos do processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desta atividade, especialmente com esta turma, e sendo realizada dentro do Museu Oceanográfico, proporcionou diversas reflexões acerca da prática educativa, da promoção da Educação Patrimonial e da Educação Ambiental. Destaca-se este aspecto porque já tivemos outras experiências de contação de história do livro “As Aventuras de Belinha”, em momentos distintos, com outras turmas e, inclusive, em outro espaço (dentro das Escolas). E nesta atividade, em que tivemos uma única turma multidisciplinar, poucos alunos, mas





variando muito as idades e, principalmente, por se tratar de uma narração de uma história que eles conhecem tão bem como nós, tendo em vista que as capivaras estão mais próximas deles, do que nós (do centro urbano), demonstrou muito esse interesse da participação dos alunos ao contarem as suas histórias com as suas Belinhas.

Nessa perspectiva, o envolvimento direto com a narrativa e os elementos culturais locais reforçou a importância de se integrar práticas pedagógicas que conectam o conteúdo curricular com a realidade dos alunos. Assim, consideramos que a experiência foi amplamente bem-sucedida, com alto nível de participação e engajamento por parte dos alunos. A contação de histórias, combinada com a visita ao museu, ainda com uma realidade próxima ao dos alunos, permitiu uma potente imersão no tema de patrimônio cultural e ambiental, proporcionando aos alunos uma compreensão mais concreta e significativa de conteúdos trabalhados na sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2018.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar - pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. Patrimônio cultural em perspectiva decolonial: historiando concepções e práticas. In: DUARTE, Alice (ed), **Seminário DEP/FLUP**, v. 1. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras/DCTP, 2020, p. 16-35.

MIGNOLO, Walter D. La opción descolonial. In: **Letral – Revista Eletronica de Estudios Transatlaticos de Literatura**. Espanha: Universidad de Granada, nº 1, 2008. p. 4-22.

RODRIGUES, Marly. De quem é o patrimônio? Um olhar sobre a prática preservacionista em São Paulo. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro: 1996, nº 24, p. 195-203.

SCHIAVON, Carmem G. Burgert. **As aventuras de Belinha**. Ilustrações de Adão Luís Veiga. 2. ed. Porto Alegre: Editora Casalettras, 2024.

TOLENTINO, Átila Bezerra. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre o seu conceito e sua prática. In: TOLENTINO, Átila Bezerra; BRAGA, Emanuel Oliveira (Orgs.).





Educação Patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. p. 39-48.

_____. Educação Patrimonial Decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal. In: **Sillogés** – v.1, nº1, jan./jul. 2018. p. 41-60.

